

VOANTE

Ana Paula Bellochio Thones

dobra

Foi assim que aconteceu: Graça estava caminhando sozinha, pelas ruas de uma cidade histórica para onde havia se mudado há poucos dias. Andava numa calçada estreita e esburacada, junto de pessoas-sombras que não a conheciam. Cuidando para não pisar errado, olhava para cada pedaço irregular do chão, para tomar ciência de seu estado e não desequilibrar. Vez ou outra, olhava também por cima dos tetos, para poder se guiar. Lá no alto, avistava a divina cúpula da catedral. Por ela, sabia a que distância estava de casa. Contava aproximadamente quantas quadras havia passado de seu ponto de partida e quantas quadras poderia andar para não se perder.

Anoitecia. Àquelas horas já havia uma música, um violão cantado ao longe, os carros correndo nas largas avenidas, os risos dos adolescentes saindo pelos portões das instituições de ensino. De repente, Graça se percebia atravessada de olhares de pessoas que já queriam conhecê-la. A brisa agradável das noites de dezembro se apresentava naquele instante. Um frio na barriga e, no céu, a promessa das estrelas (ou a vontade de prometer às estrelas): o medo de ser surpreendida por um grande amor.

A cidade a convidava para ficar. Parecia até que já a tornava parte de seu cenário. Mas não, ela não poderia entregar-se de todo. Tinha pressa no passo e se contentava com o que poderia captar no perímetro permitido. Ainda conseguia ver a cúpula da igreja e, então, dobrou a esquina. Descendo uma rua movimentada, passou por uma banca de jornal. Ali não havia problema em parar. O vendedor era sério e o lugar era iluminado. Olhou para jornais e revistas e parou os olhos em uma notícia: *pesquisador descobre que não é proibido, aos humanos, voar.*

“Como assim: não é proibido?”, perguntou-se. Na verdade sabia que não era, de fato, proibido, mas era, digamos, impossível voar para os humanos. Havia aprendido na escola, cedo na vida, que somente aves e insetos, e mesmo assim, apenas alguns, poderiam voar. Era possível a outro grupo? Parece que sim, mas já esquecera. Mas bem, deu uma lida na notícia, havia uma explicação científica

para a novidade que falava sobre duas leis da física, a inércia e a gravidade, e sobre o deslocamento de ar. Apesar do esforço, não conseguira entender nada. “Eu nunca fui boa em física mesmo” - pensou.

Ao seu lado, observou dois jovens namorados que, certamente, após ler a notícia, tentavam dar seu primeiro voo. Graça jurou ter visto a moça parar uns 10 cm acima do solo, por alguns segundos. Riram do acontecido e foram embora. Havia uma espécie de folheto dentro do jornal que explicava como voar. Era apenas uma sugestão: abrir os braços para os lados, deixar a coluna reta, a cabeça deveria acompanhar a coluna. Depois disso, um impulso, como quem está prestes a saltar na água, mas, no caso, saltar no céu. O folheto ainda dizia que era normal sentir um frio na barriga logo no começo e que com o tempo o voante se habituaria a isso.

Quando se deu por conta, Graça já estava voando. Estava talvez a 20cm do chão. Foi o frio na barriga que a alertou. Não era proibido, afinal. Tampouco impossível. Agradeceu o vendedor, que ficou chateado por não ter vendido o jornal, e saiu planando. Abriu os braços para cima e os puxou para baixo com leveza, não esquecendo do impulso- este sabia bem como fazer, lembrou-se das vezes em que brincava no sítio, dando impulso para subir em árvores, para subir no cavalo e para saltar na sanga. Valia também o impulso para virar cambalhota, para virar estrela e para pular do balanço em movimento.

Com este abrir os braços, impulsionado pelo salto da infância, ela deslocou-se para o alto, a 3m do chão, e assim aprendeu como se mover para frente, inclinando seu corpo para onde desejava ir. Avistou o casal de namorados andando pela rua e os dois sorriram quando a viram, abanaram e seguiram seu caminho, com os pés no chão.

Fora esses dois, que a viram, sorriram e abanaram, outros transeuntes também a avistaram voando acima de suas cabeças, mas não demonstraram qualquer tipo de surpresa ou sequer simpatia. “Coisa estranha...” - ela pensou. Afinal, não era comum ver alguém voando, trocando passos por planadas, colocando a gravidade em suspensão, a cada movimento. Ainda que não fosse, conforme a descoberta científica, proibido voar, esse era um meio de locomoção inusitado.

Algumas pessoas, inclusive, conforme ela ia se movendo no ar, pareciam não gostar. Olhavam de relance, espiavam e fingiam que isso não lhes dizia respeito, ou então chegavam a fitá-la com certo desprezo. “Como uma pessoa pode escolher voar, mesmo que não seja proibido?” - Era como se essa pergunta

estivesse estampada em alguns rostos de incômodo e indignação, principalmente daqueles que dirigiam seus automóveis. Graça logo percebeu, pela leitura que fazia das expressões de uns e de outras, que voar não era algo bem visto. Era vulgar.

Ela estava recém aprendendo os primeiros passos e, embora isso tivesse começado sem propósito, Graça estava gostando de se lançar nessa nova forma de se mover. Controlando a intensidade do impulso, poderia permanecer em linha reta, devagar, ou então voar para cima em alta velocidade. Isso foi interessante descobrir. Deu um grande impulso para cima e logo estava em meio a densa e escura claraboia da noite, navegando num céu de estrelas. A cidade havia ficado abaixo, e como era incrível a visão lá de cima.

Agora que estava numa outra camada do céu, a 700m do chão, deu-se por conta como era boa e libertadora aquela sensação. Quase esquecerera de sentir, preocupada com os olhares reprovadores lá de baixo. Quanto maior o impulso, maior o frio na barriga, e maior a sensação de liberdade, na mesma proporção.

Naquela altura, o frio havia aumentado, e as pessoas haviam sumido de sua visão. Ninguém a acompanhava em seu voo, não via ninguém no horizonte, apenas um morcego e uma coruja, que não se surpreenderam com sua presença. “Quanto maior o impulso, maior a solidão”- calculou. E era exatamente isso que estava sentindo, ao suavizar e controlar o efeito da gravidade sobre seu corpo: um profundo sentimento de solidão.

Experimentou ir mais para cima, suavemente dessa vez, até que os limites da cidade se tornassem definidos para ela. Até que estivesse quase perdida na imensa escuridão.

Diferente do que um dia imaginou pensar- num desses dias em que olhamos para o céu e filosofamos sobre a existência e possibilidade das coisas- o mundo lá em baixo não parecia pequeno e menor. Parecia absurdamente maior, mais vasto e extenso. “Se daqui de cima eu consigo ver os desenhos das ruas, as luzes em algumas avenidas, o formato da praça, a orla do mar e os limites da cidade- coisas que eu nunca havia visto antes- imagina quantos desenhos e formas existem no mundo, sendo e se movendo nesse exato instante- isso eu nunca vou conseguir ver de um todo, o mundo é imenso. Mapas - ponderou - podem representar o que a mim se apresenta agora, mas mesmo os mapas-múndi possuem distorções e correções convencionados, nunca vamos

conseguir ver tudo ao mesmo tempo, apenas por partes, apenas em suposições. Por isso o ser humano precisa de calma e fé.”

Quando deu por si, após nova elevação, não sabia onde estava, a cidade havia sumido, não havia nada nem acima nem aos lados, nem abaixo. Existia apenas seu corpo e sua vida fluindo no vazio, num abismo profundo escondido sobre as nossas cabeças.

É preciso escolher uma direção - pensou. Deu uma virada, uma espécie de salto mortal - do qual uma professora de expressão corporal sentiria muito orgulho - e foi. O frio na barriga foi especialmente intenso nesse momento. Como era bom sentir tudo isso.

Aos poucos avistou um grupo de morcegos, que não a viram, depois duas corujas, que a olharam, e então já estava de volta à cidade, que agora já lhe parecia uma cidade de onde alguém pode ser natural. “Sou natural daqui”- é possível escutar isso e entender. Graça havia retornado a um ponto 1km distante de onde começara a voar. Estava sobre a praça, onde havia diversas árvores e pertinho dali avistou sua conhecida e segura cúpula, o cume da catedral. Chegou mais perto até que pairou sobre ela.

Foi uma surpresa vê-la assim, na intimidade. Tão acobreada e tão velha, coberta de alguns dejetos de pombas. Ao lado havia uma cabeça esculpida com uma coroa de louros, que nunca havia observado- pudera...

Resolveu que ali era um bom lugar para descer. Já estava cansada, há horas havia se lançado ao céu sem um tempo para pousar. Pousar também era uma novidade, assim como voar. Ensaiou uma forma improvisada de pouso, e parou com os pés no chão bem em frente ao monumento que a guiou pela terra. Qual sua surpresa quando o olhou cara a cara! A cúpula que via ao longe não era de uma igreja, mas o cume de um teatro!